

07

Para que serve o humor em política? A construção discursiva do humor no parlamento português e em programas televisivos

Maria Aldina Marques
Universidade do Minho

Resumo _ O humor tem na política e nos políticos uma inspiração e um alvo preferido. A relação é, desde sempre, conflituosa. A aliança entre política e humor, objeto da nossa análise, é recente. Para esta pesquisa foram selecionados dois lugares discursivos, o *talk show* televisivo e os debates no parlamento português. A presença de políticos em *talk shows* humorísticos é frequente, sobretudo em período eleitoral. O parlamento, por sua vez, é uma instituição política, onde o humor pode ter lugar. Assim, cabe perguntar se os políticos usam o humor, onde e como se manifesta esse humor, quais são os contextos, funções e objetos do humor em política, e que mecanismos linguísticos são usados para fazer humor. Estas questões guiaram o presente trabalho, no quadro de uma perspectiva pragmática dos discursos e das teorias do humor. No parlamento, o humor é uma estratégia discursiva; num *talk show* humorístico, é o objetivo principal, com benefícios, mas também riscos para a imagem dos políticos.

Palavras-chave _ discurso; humor; política; política-espetáculo; pragmática.

Sumário _ 1. Introdução. 2. Quadro teórico-metodológico. 3. Análise dos dados. 3.1. Humor no Parlamento Português. 3.1.1. O riso como mecanismo de confirmação do humor. 3.1.2. Desencadeadores de humor; 3.1.3. Estruturas discursivas e funções do humor no parlamento. 3.2. Humor e política em *talk shows*. 3.2.1. Aderir ao humor. 4. Conclusões. Referências bibliográficas.

What is humor for in politics? The discursive construction of humor in the Portuguese parliament and in television programs

Abstract _ Humor finds inspiration and has a preferred target in politics and politicians. The relationship has always been conflictual. The alliance between politics and humor, our object of analysis, is recent. For this research, two discursive places were selected: two television talk shows and the Portuguese parliament debates. The presence of politicians on humorous talk shows is frequent, especially during election periods. Parliament, in turn, is a political institution where humor can take place. Hence, it is worth asking whether politicians use humor, where and how this humor is manifested, what are the contexts, functions, and objects of humor in politics, and what linguistic mechanisms are used to create humor. These questions guided our research within the framework of a pragmatic perspective of discourse and of theories on humor. In parliament, humor is a discursive strategy; in a humorous talk show, it is the main goal, with benefits but also risks for politicians' image.

Key words _ discourses; politics of spectacle; humor; politics; pragmatics.

Contents _ 1. Introduction. 2. Theoretical-methodological framework. 3. Data analysis. 3.1. Humor in the Portuguese Parliament. 3.1.1. Laughing, a mechanism of humor confirmation. 3.1.2. Humor triggers. 3.1.3. Discursive structures and functions of humor in parliament. 3.2. Humor and politics on talk shows. 3.2.1. Embracing humor. 4. Conclusions. References.

Maria Aldina Marques. Orcid 0000-0003-3263-1977. mamarques@elach.uminho.pt. CEHUM / Universidade do Minho. Portugal.

Investigação financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00305/2020 <https://doi.org/10.54499/UIDB/00305/2020>.

1.

Introdução

“Funniness is about people not being perfect.”

John Cleese (Monty Python), entrevistado por Stott, 28 de janeiro de 2020

“Em democracia, tudo deve ser simples e relativo, e nada deve ser encarado sem o sentido da proporção e sem um mínimo de sentido de humor. Mas nada pode ser encarado e sobretudo resolvido sem o sentido da realidade.”

Francisco Sá Carneiro, Programa de Governo,
16 de janeiro de 1980

A presente investigação aborda a relação entre política e humor, enquanto questão de poder¹. O Humor tem na política e nos políticos uma fonte de inspiração e um alvo preferencial. A relação é, pois, conflituosa (Marques, 2021). Em épocas passadas, e na perspectiva do poder, o humor era tolerado na exata medida em que o autor do humor era um ser socialmente desvalorizado. A figura do bobo da corte, numa perspectiva simbólica, corporiza uma relativa cedência do poder ao humor na pessoa de um ser humano representado como caricatura. É que a crítica feita por quem não tem estatuto social condigno não pode ofender. Gil Vicente, dramaturgo português do século XVI, deu visibilidade a esta problemática na figura do *parvo*, socialmente desprezado, mas, também por isso, livremente irresponsável. Do ponto de vista do humorista, o humor poderia ser a única forma de pôr em causa a autoridade institucional.

A aliança entre política e humor, que pretendemos analisar, é bem mais recente. Numa perspectiva exógena, a tendência cada vez mais premente de mediatização da sociedade privilegia uma política-espetáculo a que contextos humorísticos dão suporte visível. Aliás, investigações já realizadas em Portugal mostram e confirmam uma aproximação dos políticos ao espetáculo mediático, e ao espetáculo humorístico em particular (Marques, 2013 e 2021; Pinto & Pereira, 2014). O objetivo parece ser a procura de proximidade com os cidadãos, e, sobretudo, com os eleitores. Também em consonância com estas mudanças, o estatuto social do humor, e do humorista, tem, sem dúvida, lugar de destaque na sociedade portuguesa contemporânea. Numa vertente endógena, o humor faz parte do jogo político. É a expressão preferida de um *jeu d'esprit* que põe à prova a vivacidade intelectual-linguística dos participantes em discursos políticos. A imagem de *orador eloquente* faz parte do estereótipo do político, e o sentido de humor é uma componente desta imagem.

2.

Quadro teórico-metodológico

Existem várias definições de humor (verbal) (Priego-Valverde, 1999; Charaudeau, 2006 e 2011; Bouquet & Riffault, 2010; Vivero-Garcia, 2011 e 2013; Attardo, 2017; Dynel & Sinkeviciute, 2017; Rabatel, 2021). Na verdade, o humor é uma prática discursiva complexa, paradoxal, ambígua, ambivalente, emocionada (positiva e negativamente), com finalidade lúdica (Marques, 2021). O conhecimento compartilhado é sempre a base do humor; evoca experiências de vida semelhantes. O humor depende de modo direto do contexto - situacional, social, cultural e linguístico.

1 Uma versão deste trabalho foi apresentada na conferência *Le pouvoir du rire - rire du pouvoir*, na Universidade de Craiova, Roménia, em 2022.

Segundo as três teorias clássicas, de superioridade², de libertação ou catarse³ e de incongruência⁴ – que se complementam, daí o lado paradoxal e ambíguo do humor – o humor é ao mesmo tempo:

- Uma prática discursiva agressiva. É o ataque aberto a um alvo (fala-se de zombaria, de escárnio). Pressupõe uma posição interpessoal alta do humorista, compartilhada pela audiência cúmplice. Por isso, o humor é considerado imoral, enquanto ri de alguém (especialmente se ri dos fracos, dos que não têm poder).
- Uma prática discursiva positiva e saudável. Esta teoria privilegia a relação interpessoal humorista-público, que é uma relação de cumplicidade, catártica, empática, divertida, ligada a um movimento de surpresa agradável, que pressupõe distanciamento afetivo do alvo.
- Uma prática discursiva disruptiva. Exagerado, o humor evidencia incongruências, inconsistências, erros, equívocos, por meio da construção de um universo discursivo ilógico.

Conjugando de modo variável estas componentes, o humor é uma atividade comunicativa. É um modo de dizer que articula um humorista, uma audiência cúmplice e um alvo. Neste enquadramento, e para a análise da relação da política com o humor, é pertinente questionar: Os políticos têm sentido de humor? Onde e como se manifesta o humor dos políticos e com os políticos? Quanto ao parlamento, sendo um lugar de exercício da política (Marques, 2000), cabe perguntar se é também lugar de humor e qual o contexto de uso e funções que desempenha. De que modo os géneros e contextos de comunicação afetam a construção do humor? Construído discursivamente, é necessário considerar os mecanismos linguísticos e não linguísticos que permitem criar humor. Identificamos aí mecanismos desencadeadores e mecanismos confirmadores de humor.

A partir de uma perspetiva teórica pragmático-enunciativa, damos especial importância às pesquisas – distintas, no modo como definem o humor –, de Rabatel (2013, 2016, 2019 e 2021), enfatizando o jogo de pontos de vista e de Charaudeau (2006, 2011 e 2013), que coloca também a enunciação no centro da construção do humor, abordado como ato de comunicação, entre outros autores que abordaram a problemática do humor no quadro da análise dos discursos (Marques, 2015).

O objetivo principal da nossa investigação é a análise da relação dos políticos com situações humorísticas, comparando os modos de construção do humor em dois lugares discursivos, a televisão e o parlamento, regulados por diferentes constricções de género. A presença de políticos portugueses em talk-shows humorísticos é frequente, quase habitual, sobretudo em períodos eleitorais. É por isso que foi escolhido o talk-show televisivo. Seleccionamos duas entrevistas do humorista português Ricardo Araújo Pereira (RAP), a Jerónimo de Sousa (JdS), líder do PCP, no *talk show O Gato Fedorento esmiúça os sufrágios*, de 21 de setembro de 2009, e a Manuela Ferreira Leite (MFL), ex-líder do PSD e ministra em dois governos do mesmo partido, no *talk show Gente que não sabe estar*, de 10 de outubro de 2019. São documentos em vídeo, disponíveis no YouTube, e que transcrevemos para análise. No que diz respeito ao parlamento português, limitámos a nossa investigação

2 “Superiority theory, the roots of which are in the writings of Hobbes (1650), proposes that humor capitalizes on the “sudden glory” of realizing that we may be superior to someone else” (Young, 2017: 875).

3 “Release or tension theories in humor research are an extension of concepts from Freudian psychology. Here humor is conceptualized as a “safety valve” that expels excess energy or passions” (Young, 2017: 875).

4 “Incongruity theory has been elaborated upon by Koestler (1964) and Suls (1972), among others, the approach is often attributed to Kant’s observation that “laughter is an affection arising from the sudden transformation of a strained expectation into nothing” (2007: 133). This notion of unmet expectations has been adapted by cognitive scholars who see humor as the intersection of two incompatible schemas in memory” (Young, 2017: 875).

às sessões plenárias, selecionando debates parlamentares ocorridos nas 13.^a, 14.^a e 15.^a legislaturas (entre 2016 e 2022). Não considerámos a totalidade de cada debate. A ocorrência de “risos”, como reação não verbal registada nos Diários da Assembleia da República (DAR), foi o critério de seleção dos excertos humorísticos. Na análise dos dados, aprofundaremos esta questão.

3.

Análise dos dados

3.1. Humor no Parlamento Português

3.1.1. O riso como mecanismo de confirmação do humor

No Parlamento, o humor é possível, mas não é expectável; é esporádico, mas apreciado, contribuindo para a construção da imagem do locutor e das relações intra e intergrupos. Não foi feita uma recolha exaustiva de todos os momentos de humor. Identificámos situações humorísticas, a partir do registo de “risos” no diário do parlamento, o Diário da Assembleia da República (DAR). Por isso, o riso é, aqui, um critério de categorização; funciona como um mecanismo não-verbal de confirmação de humor. Mas, sabemos também que o riso e o humor não coexistem necessariamente (Attardo, 2003; Marques, 2005 e 2021). Foi necessário, assim, afinar o critério: no parlamento, distinguimos um riso setorial, de uma parte do parlamento (um ou mais partidos, um ou mais deputados, identificados no DAR). Não significa que não seja interpretado como humor, mas não há uma reação geral, em unísono, dos membros do parlamento e, por isso, não foi considerado. O riso setorial é sobretudo marca de sarcasmo, de contestação do adversário e de desvalorização do dito, como em (1). Neste caso, o riso pode coexistir com protestos (em (2)), ou dar lugar a uma coligação momentânea, ou ainda ser reforço da relação intragrupo (3):

- (1) O Sr. António Filipe (PCP): — O PCP foi decisivo para um virar de página da vida política nacional e para a reposição de direitos e rendimentos que haviam sido brutalmente retirados ao povo português pelos Governos do PSD e do CDS. O PCP valoriza todos esses avanços e orgulha-se de ter contribuído para eles, mas, com a mesma convicção e coerência, não pode pactuar com opções do Governo que recusam prosseguir a reposição e conquista de direitos com uma resposta mais ampla aos problemas nacionais, com opções do Governo que sacrifiquem a resolução dos problemas nacionais a critérios dogmáticos impostos pela União Europeia e que sacrifiquem os direitos dos trabalhadores aos interesses do grande patronato.
Risos do Deputado do PS Sérgio Sousa Pinto.

DAR, 3 de novembro de 2021

- (2) O Sr. Adão Silva (PSD): — Nós íamos construindo, a lógica é de construção! Sr. Deputado, na altura não se sabia qual era o valor. Repare numa coisa: o valor dos empréstimos foi definido muito recentemente, por exemplo.

Portanto, tínhamos o propósito, tínhamos a ideia, tínhamos o projeto. E temos, estão quantificados. Poderiam ser, obviamente, ajustados, numa lógica de conversação com o Governo, e era isso que esperávamos.
Risos e protestos do PS.

DAR, 21 de julho de 2021

- (3) O Sr. José Moura Soeiro (BE): — (...) Em Coimbra, o Ministro Calvão da Silva, acompanhado pelo Secretário de Estado João Pinho de Almeida, visitou as cheias apelando à proteção divina. «Deus fará a sua parte!», declarou o Ministro.

Risos do BE.

DAR, 24 de fevereiro de 2016

Completamente diverso é o riso geral, do parlamento como um todo, que definimos como critério de identificação de uma situação de humor. Em (4), a indicação de “risos” dá conta de uma reação global, não identificável por bancadas:

- (4) O Sr. Presidente (José de Matos Correia): — (...) *Aparentemente, o Sr. Secretário da Mesa quer dar alguma alegria à Câmara e pediu-me para anunciar que estamos a meio do guião.*
Risos.
 Não sei se alguém, para atrasar, quer apresentar um voto de congratulação.
 O Sr. João Oliveira (PCP): — *Ou de protesto!*
 O Sr. Presidente (José de Matos Correia): — *Ah, de protesto! Muito bem. Então, a partir de agora farei mais devagar...*

DAR, 20 de julho de 2019

Neste caso, é o reconhecimento e reação da câmara a uma situação interpretada como humorística, nos antípodas da tensão opositiva, habitual no parlamento. O excerto (4) ilustra um desses momentos de descontração, da responsabilidade do Presidente do Parlamento, ao comentar uma situação inesperada.

3.1.2. Desencadeadores de humor

Dado que o humor (verbal) é construído discursivamente, examinámos os mecanismos linguísticos que o desencadeiam. Como refere Fiorin (2015: 63), “a figuratividade [é] condição de toda a atividade discursiva” e, por conseguinte, da atividade humorística. Como gatilhos ou desencadeadores de humor, encontramos categorias como o lapso pragmático, em (5), isto é, formulações linguísticas pragmaticamente inadequadas, que criam incongruências. São com frequência violações das máximas de qualidade ou de quantidade, como no exemplo abaixo. Usar da palavra no parlamento é um direito regulamentado, porque se trata de exercer o poder político, de dizer coisas que têm consequências políticas e sociais. Porém, o deputado Carlos César, no excerto abaixo, pede a palavra para comunicar que não tem nada de novo a dizer. O riso geral sublinha o caráter surpreendente e cómico da intervenção. O comentário do presidente do parlamento reforça esta interpretação:

- (5) O Sr. Carlos César (PS): — *Sr. Presidente, peço a palavra.*
 O Sr. Presidente: — *Faça favor, Sr. Deputado.*
 O Sr. Carlos César (PS): — *Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, é para dizer o mesmo que os outros líderes parlamentares disseram.*
Risos.
 O Sr. Presidente: — *Que grande surpresa, Sr. Deputado! Fica registado.*

DAR, 24 de fevereiro de 2016

A metáfora e outras figuras como a hipérbole, a analogia, o trocadilho (e todo o tipo de processos figurais), mas também a polissemia, a homonímia, entre outras, são mecanismos semântico-pragmáticos que desencadeiam o humor no parlamento.

No exemplo (6), a metáfora, que sobrepõe dois domínios conceptuais, o da fecundidade humana e o da produção de versões do orçamento de estado pelo governo, está na origem desse momento de humor.

- (6) Sr. António Leitão Amaro (PSD): — *Mas a responsabilidade é de quem o fez — sua! — ou, melhor, de quem os fez. Esta é a quinta versão de Orçamento, com a sexta já em gestação anunciada. Mas, Sr. Ministro, mais do que a sua elevada taxa de fecundidade orçamental,...*
Risos.

... o problema está mesmo em que os seus cinco Orçamentos mudaram a cada versão e cada vez menos se percebe o que querem e para onde vão.

DAR, 24 de fevereiro de 2016

Da mesma forma, em (7), o mecanismo que está na origem do humor é a hipérbole. O advérbio “interminavelmente” evoca uma situação absurda (e indesejável, marcada pela locução “sob pena de”) que faz rir. A natureza contextual do humor, sempre referida, tem aqui particular evidência, dado que o deputado que a câmara corre o risco de ouvir interminavelmente é André Ventura, líder do partido de extrema-direita Chega, e cujas intervenções não são muito apreciadas:

- (7) O Sr. André Ventura (CH): — Metade ou um terço, pode ser um terço também, Sr. Deputado! (...)

Protestos do PCP.

Sr. Presidente, peço desculpa, mas assim não consigo, é impossível!

Protestos do PCP.

O Sr. Presidente (Fernando Negrão): — Srs. Deputados, *sob pena de ouvirmos interminavelmente o Sr. Deputado André Ventura,...*

Risos gerais.

(...) O Sr. Presidente: — ... pedia-vos silêncio para o ouvirmos. Faça favor de continuar, Sr. Deputado.

DAR, 18 de novembro de 2021

Mas outros mecanismos linguístico-discursivos têm o papel de desencadeadores do Humor. O Discurso relatado é particularmente recorrente. No exemplo (8), a escolha do discurso relatado serve a retoma paródica de uma gafe de um antigo primeiro-ministro, que, numa conversa com os jornalistas, se enredou nos valores do défice português e, depois de várias tentativas, termina dizendo “é só fazer as contas”. O Presidente da Assembleia da República, num comentário inciso, recupera este episódio como estratégia pseudo-auto-depreciativa para ultrapassar o erro de contas que acaba de cometer, provocando risos gerais:

- (8) O Sr. Pedro Delgado Alves (PS): — Sr. Presidente, temos uma dúvida na conta. É só um segundo, por favor.

O Sr. Presidente: — Quem faz as contas é a Mesa. Elas são difíceis de fazer, como sabem, porque temos de ter em consideração que não estavam presentes todos os Deputados, faltam 3.

Pausa.

Srs. Deputados, foi confirmado que os votos contra são 84 e que as abstenções são 5, o que dá 89. De 89 para 227, «é só fazer as contas...!»,...

Risos.

... o que dá 138. Há, realmente, aqui quem precise de uma reciclagem em Matemática.

(...) Peço desculpa por esta pequena confusão final.

DAR, 6 de novembro de 2021

Os processos de construção do humor envolvem mecanismos discursivos variados, que essencialmente constroem, na ótica dos destinatários, sentidos inesperados e engraçados.

3.1.3. Mecanismos discursivos e funções do humor no parlamento

Cabe considerar agora as funções discursivas do humor no parlamento português. São principalmente comentários e formulações lúdicas sobre o que está a ser dito, que provocam uma surpresa divertida, catártica. As funções destes dispositivos linguísticos, documentadas nos exemplos acima, e ao serviço de uma estratégia de humor, são variadas e podem coexistir no mesmo contexto:

- Criticar os adversários. E esta é uma crítica sem resposta, ou com resposta alinhada com o humorista, sob pena de o alvo do humor perder a face.
- Fortalecer a coesão intragrupo. Trata-se de estabelecer ou manter uma atmosfera amigável e descontraída. Neste caso, é o parlamento, enquanto comunidade, que sai fortalecido.
- Salvar a face. É preciso ter *fairplay*, ser capaz de rir de si mesmo para superar pequenos obstáculos interacionais.
- Construir uma imagem de si positiva. Ter sentido de humor é uma vantagem em política.
- Pôr ordem no parlamento. Esta é a função do Presidente. O humor atenua o lado diretivo de sua função.

Ao contrário destas situações humorísticas estratégicas, há por vezes humor involuntário, casos de humor sem humorista. É uma situação que pode redundar num ato ameaçador da face (FTA), com o locutor a tornar-se alvo do riso, como em (5).

3.2. Humor e política em *talk shows*

No contexto dos *talk show* em análise, a interação assume a forma de uma entrevista (a categorização do género é do próprio humorista, Ricardo Araújo Pereira) entre o humorista-entrevistador e o político-entrevistado. A interação dialogal é estruturada como pergunta e resposta. O político participante tem o duplo estatuto de alocutário e alvo. O público presente no estúdio é uma audiência cúmplice, que acompanha o sucesso humorístico dos interlocutores com risos e aplausos.

O propósito da interação é explicitamente lúdico, mas não anula uma dimensão crítica, embora implícita e indireta, pois trata-se de criar empatia com o convidado, rindo com ele e não dele (Marques, 2013). Em (9), o facto de o humorista partir de factos reais, a desfiliação de elementos históricos do partido comunista português que passam a integrar outros partidos, convoca imagens negativas do partido que circulam na sociedade portuguesa:

- (9) RAP: muito bem↓ ainda assim tem havido enfim algumas fugas↓ eu suponho que lá na soeiro pereira gomes fazem apostas a ver qual é o próximo a sair para o ps! [Gargalhadas. Risos de JdS]
 JdS: ahm pronto→ eu diria que o partido comunista é um grande partido / é um grande partido ahm aliás muitos saem há duns e doutros quero aqui sublinhar↓
 RAP: nem todos os que saem são maus↓⁵

O Gato Fedorento esmiúça os sufrágios, 21 de setembro de 2009

O humor de Ricardo Araújo Pereira (Marques, 2013, 2021; Pinto & Pereira, 2014, Morozova, 2019) retoma preferencialmente discursos anteriores (preferencialmente do alvo ou de outros políticos), como mecanismo desencadeador do humor.

5 As convenções de transcrição seguem o sistema Val.Es.Co: ↓ entoação descendente; → entoação mantida ou suspensa; RR pronúnciação marcada ou enfática (duas ou mais letras maiúsculas); / pausa curta; // pausa média; ahm vocalizações; aa alongamento vocálico; - reinícios e autointerrupções sem pausa; (...) interrupções da gravação ou da transcrição; Letra cursiva: reprodução e imitação de emissões; [] anotações pragmáticas (Briz, Antonio, & Grupo Val.Es.Co, 2002).

- (10) RAP: [...] a sitora disse que preferia que o psd tivesse um MAAU resultado nas eleições do que um rótulo de partido de direita↓ aparentemente o seu desejo realizou-se/ muitos parabéns! mas não teme que o partido acabe como o cds→ com um péssimo resultado E com rótulo de direira? as duas coisas?

Gente que não sabe estar, 10 de outubro de 2019

O objetivo de RAP é provocar o convidado, mas garantindo a sua cumplicidade. As intervenções colaborativas, (Muito bem/Muito bom) são, aliás, uma das estratégias seguidas:

- (11) MFL: o que significa que pelo facto de ser do psd que ele não teve o primeiro lugar e aí eu acho que é sectarismo↓

RAP: muito bem muito bem↓ portanto é sectarismo do correio da manhã e dos→

MFL: sim↓ do correio da manhã claro!

Gente que não sabe estar, 10 de outubro de 2019

O humorista aceita, de facto, todas as respostas, não as contesta. Este modo de interação dá lugar a uma relação interpessoal próxima, sem confrontos, que assegura a cumplicidade. O humor é atingido por outros modos, não é agressivo, pese embora a dimensão crítica subjacente às suas intervenções.

3.2.1 Adesão ao humor

É preciso sublinhar que o político sempre adere à provocação do humorista (L1/E1)⁶. O riso, ou pelo menos um sorriso (documentado pelos vídeos), é sempre a reação imediata à sua intervenção.

A reação-resposta pode ser organizada em duas categorias: ou o político (L2/E2) responde com humor, enuncando um ponto de vista (PDV) alinhado com o ponto de vista proposto, ou evita o humor e põe em cena um ponto de vista não alinhado face ao PDV anterior, e responde de forma séria.

No caso, exemplificado em (12), Ricardo Araújo Pereira retoma uma crítica de um ex-Presidente da República, Jorge Sampaio, feita à convidada, Manuela Ferreira Leite, então Ministra das Finanças, por causa da austeridade orçamental de que ela seria responsável, dizendo que “há vida para além do déficit”. Este PDV afirma-se como contestação de um outro “não há vida para além do déficit”, cuja origem seria a ministra.

Agora na versão “há vida para além do orçamento”, Manuela Ferreira Leite alinha com o jogo proposto, retoma o PDV que lhe fora atribuído e responde com humor, fingindo um lado sério que se revela hilariante. A sua intervenção é reconhecida como humorística, sendo acompanhada de gargalhadas e de aplausos, do público, e de gargalhadas de Ricardo Araújo Pereira.

- (12) RAP: agora/ repare neste exercício desagradável de memória que eu vou fazer↓ a sitora disse que este défice próximo de zero é suicídio porque não permite ter serviços públicos de qualidade e impostos mais baixos↓ portanto/ parafraseando o que Jorge Sampaio disse em 2002 à ministra das finanças manuela FERREIRA LEITE o que está a dizer é *há vida para além do orçamento* é isso? Vê vê foi desagradável! [risos de MFL e do público]

6 Sobre os conceitos de L/E, e de PDV, ver Rabatel (2016, 2019 e 2021). Sintetizamos a questão teórica, citando o autor (2019, 168 e 170): “En réalité, derrière le même mot d'énonciateur, se cachent deux réalités différentes au plan des instances: il y a un énonciateur toujours articulé avec un locuteur, et cela vaut d'abord pour locuteurs /3 énonciateurs primaires (L1 / E14) ou pour des locuteurs seconds / énonciateurs seconds (I2 / e2) des discours rapportés. Mais il y a encore des énonciateurs seconds non-locuteurs, reconstruits empathiquement par L1 [...] Je définis comme point de vue (PDV), en linguistique, tout énoncé qui prédique des informations sur n'importe quel objet du discours, en donnant non seulement des renseignements sur l'objet (relatifs à sa dénotation), mais aussi sur la façon dont l'énonciateur envisage l'objet, exprimant ainsi un PDV». Nos dados em análise, constituídos por discursos dialogais, há dois L/E, que identificámos como L1/E1, o locutor-humorista, e como L2/E2, o político convidado.

MFL: sabe que ahm nós evoluímos na vida e eu também evoluí no meu pensamento ahm e algumas ideias que eu tinha sobre o défice foram evoluindo e atualmente eu não tenho nenhuma dúvida de que aquilo que MAIS me preocupa na vida é o défice// e é o défice porque ahm eu quero lá saber se é necessário estar quatro horas à espera duma consulta ou três anos à espera de uma intervenção! eu acho isso um pormenor absolutamente lateral! eu quando adormeço se não sei como está o défice custa-me a adormecer! [risos do público] e não lhe nego que o meu primeiro pensamento quando acordo é o défice! [risos do público] e se naquele dia ao ver uma alteraçãozinha por pequena que seja eu acho queeee →// aquela décima é uma décima que nos dá uma tranquilidade [risos do público] uma paz d'alma que // não lhe sei dizer é um estado de espírito que só consigo encontrar quando vou a Fátima! [risos do público, aplausos, risos de RAP]

Gente que não sabe estar, 10 de outubro de 2019

Divergindo da proposta de Attardo (2011: 136-137) para explicar o humor nas anedotas, a partir do conceito de isotopia “The text of a joke is seen as developing one isotopy and then switching to a second isotopy”, o modelo de construção do humor de Ricardo Araújo Pereira, um humor *nonsense*, absurdo, assenta num jogo de PDV, organizados num registo de paródia (Marques, 2021). O sujeito humorista finge alinhar com o PDV que traz para o discurso e avança no mesmo registo, construindo um PDV concordante, mas hiperbolizado, que cria um humor absurdo. MFL adota a mesma estratégia de construção do humor.

No segundo *talk show* em análise, a estratégia escolhida pelo político é o evitamento do humor, porque responde, mas num registo sério. Com efeito, no exemplo (13), Ricardo Araújo Pereira retoma uma declaração anterior do deputado do PCP Jerónimo de Sousa (JdS) sobre o regime político da Coreia do Norte, que este tinha qualificado como democrático, para o questionar sobre as suas preferências para viver num determinado país, colocando a Coreia do Norte ao lado da Suécia e da Noruega, o que cria um efeito de lista desencadeador de humor:

- (13) RAP: senhor deputado jerónimo de sousa↓ em qual destas democracias é que o senhor preferia viver/ suécia noruega ou coreia do norte? [gargalhadas do público. Sorriso de JdS]
JdS: ahm bom eu já vivi- visitei os quatro cantos do mundo quatro continentes ahm a escolha é aleatória ((...)) mas em relação ao estado da pergunta em concreto/ suécia holanda coreia eu também aqui sou um caso perdido↓ continuo a pensar que apesar dos estragos que têm feito a este país eu- / a terra onde nasci onde cresci onde vivo onde hei de morrer- salvo seja! Enfim/ ahm eu vou- eu sou um caso perdido↓ vou continuar a amar portugal vou ficar em portugal é o meu país de escolha

O Gato Fedorento esmiúça os sufrágios, 21 de setembro de 2009

Face a um momento de humor, mas que é potencialmente ameaçador da face, Jerónimo de Sousa não alinha neste jogo de pontos de vista e responde seriamente, falando do seu amor por Portugal.

Em síntese, pode afirmar-se que os políticos não recusam o humor. Pelo contrário, cooperam, prosseguindo quer num registo humorístico, quer evitando a crítica humorística, orientando a sua resposta para argumentos sérios e politicamente relevantes. Os políticos posicionam-se entre a diversão e a seriedade política. Pode afirmar-se que, se os políticos não têm sentido de humor, têm certamente sentido de oportunidade política. Trata-se sempre de construir uma imagem de si positiva e politicamente relevante.

Por sua vez, o humorista evita troçar abertamente do alvo, com quem estabelece uma relação de empatia, com quem ri. No entanto, as suas “provocações”, sendo divertidas, são também armadilhadas. Os implícitos ativados pela pergunta podem ser ameaçadores da face do político, ainda que a estrutura pergunta-resposta da interação lhe permita gerir a sua intervenção e evitar constrangimentos.

4.

Conclusões

Como conclusões, destacamos a importância teórica de uma abordagem pragmático-enunciativa, considerando que o tipo de humor é determinado pelo contexto, em particular, pelo alvo, pela relação interpessoal estabelecida entre os participantes, pelo género de discurso em que ocorre.

No parlamento, o humor não é um objetivo em si, é uma estratégia discursiva que faz uso de mecanismos linguístico-discursivos variados, na função de desencadeadores de humor. Está entre *jeu d'esprit*, exibição de sagacidade, e jogo agonal, de confronto próprio do debate. O político com humor mostra uma imagem de si positiva, demonstra vivacidade intelectual e acutilância verbal. Num género de discurso em que o humor é possível, mas não expectável, diferentes mecanismos discursivos atuam como desencadeadores de humor. O riso geral, que determinámos como critério de confirmação de humor, sublinha a função afiliativa e coesiva do humor político no parlamento.

Num talk show humorístico, o humor é o objetivo principal. São “provocações” que pretendem ser agradáveis, isto é, não agressivas, dado o alvo ser o convidado da interação. Mas sempre carregam críticas implícitas. Sendo embora críticas secundárias neste tipo de programa, trata-se sempre de confrontar os políticos – e a política – com as suas limitações, através do humor. Entretenimento e crítica, benefícios e riscos, entrelaçam-se. Quer concordem em continuar no registo humorístico quer o evitem e falem seriamente, os políticos são avaliados e julgados pelo público. É um teste às suas capacidades de reação, à sua tolerância à exposição a uma situação de humor, e à sua presença de espírito, ou *fairplay*. A imagem de si e a aceitação político-social estão de facto em jogo. É outra forma de fazer política, uma política-espetáculo.

Referências bibliográficas

- Attardo, Salvatore (2003). "Introduction: The Pragmatics of Humour", *Journal of Pragmatics*, 3, 1287-1294. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00178-9](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00178-9).
- Attardo, Salvatore (2011). "Humor". Em Zienkowski, Jan, Östmann, Jan-Ola, & Vershueren, Jef (dirs.), *Discursive Pragmatics*, 102-155. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Attardo, Salvatore (ed.) (2017). *The Routledge handbook of language and humor*. New York: Routledge.
- Bouquet, Brigitte, & Riffault, Jacques (2010). "L'humour dans les diverses formes du rire", *Vie Sociale*, 2, 13-22. DOI <https://doi.org/10.3917/vsoc.102.0013>.
- Briz, Antonio, & Grupo Val.Es.Co (2002). "La transcripción de la lengua hablada: el sistema del grupo Val.Es.Co", *Revista de Ciencias Sociales*, 77-78 (coloquial), 57-86. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/331676841_La_transcripcion_de_la_lengua_hablada_el_sistema_del_grupo_ValEsCo (Consultado em 05.04.2024).
- Charaudeau, Patrick (2006). "Des catégories pour l'humour?", *Questions de communication*, 10, 19-41. Disponível em <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,93.html> (Consultado em 03.09.2020).
- Charaudeau, Patrick (2011). "Des catégories pour l'humour. Précisions, rectifications, compléments". Em Viveiro-Garcia, Maria Dolores (dir.), *Humour et crises sociales. Regards croisés France-Espagne*, 9-43. Paris: L'Harmattan.
- Charaudeau, Patrick (2013). "De l'ironie à l'absurde et des catégories aux effets. Em Viveiro Garcia, Maria Dolores (dir.), *Frontières de l'humour*, 13-25. Paris: L'Harmattan. Disponível em <http://www.patrick-charaudeau.com/De-l-ironie-a-l-absurde-et-des.html> (Consultado em 21.07.2020).
- Dynel, Marta, & Sinkeviciute, Valeria (dirs.) (2017). "Conversational humor: Spotlight on language and cultures", *Language & Communication*, 55, 1-100.
- Fiorin, José Luís (2015). "Linguística e Retórica", *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 12 (n. 28), 49-66. Disponível em <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/1388> (Consultado em 05.03.2023).
- Marchese, David (2017). "John Cleese on Political Correctness and the Funniest Joke He Ever Told. Interview with John Cleese", *Vulture*, 12/09/2017. Disponível em <https://www.vulture.com/2017/09/john-cleese-monty-python-in-conversation.html> (Consultado em 02.11.2020).
- Marques, Maria Aldina (2000). *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar – a organização enunciativa no Debate da Interpelação ao Governo*. Braga: Universidade do Minho / CEHUM.
- Marques, Maria Aldina (2005). "Os apartes no discurso político parlamentar: vozes "off"". Em Marques, Maria Aldina, Koller, Erwin, Teixeira, José, & Lemos, Aida (dirs.), *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*, 193-216. Braga: Universidade do Minho / ILCH / CEHUM.

Marques, Maria Aldina (2013). "Politique, humour et campagne électorale. Les enjeux d'une politique-spectacle", *Mots. Les langages du Politique*, 101, 61-75. Disponível em <http://mots.revues.org/21146> (Consultado em 05.03.2023).

Marques, Maria Aldina (2015). "Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação", *Revista Galega de Filoloxía*, 16, 107-121. DOI: <https://doi.org/10.17979/rgf.2015.16.0.1380>.

Marques, Maria Aldina (2021). "Humour and Politics. A discursive approach to humour". Em Vanderheiden, Elisabeth, & Mayer, Claude-Hélène (dir.), *The Palgrave Handbook of Humour Research*, 205-225. Cham: Palgrave Macmillan / Springer Nature. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-78280-1_11.

Morozova, Milana (2019). *The role of discourse markers in text organization of the genre stand-up comedy in Portugal and in the United States*. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

Pinto, Alexandra, & Pereira, Carla (2014). "Modalização e construção do humor nas crónicas de Ricardo Araújo Pereira", *REDIS. Revista de Estudos do Discurso*, 3, 108-124. Disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3578> (Consultado em 12.11.2020).

Possenti, Sílvio (2010). *Humour, língua e discurso*. S. Paulo: Contexto.

Priego-Valverde, Béatrice (1999). *L'Humour dans les interactions conversationnelles: jeux et enjeux*. Tese de doutoramento. Université Aix-Marseille.

Rabatel, Alain (2013). "Humour et sous-énonciation (vs ironie et sur-énonciation)", *L'information grammaticale*, 137(1), 36-42. DOI: <https://doi.org/10.3406/igram.2013.4252>.

Rabatel, Alain (2016). "Diversité des points de vue et mobilité empathique". Em Colas-Blaise, Marion, Perrin, Laurent, & Tore, Gian (dirs.), *L'énonciation aujourd'hui. Un concept clé des sciences du langage*, 135-150. Limoges: Lambert-Lucas.

Rabatel, Alain (2019). "Énonciateurs Premiers, Seconds, Points de Vue, Modalité et Intentionnalité aux Défis de l'Interprétation", *Recherches en Langue et Littérature Françaises*, 13(23), 165-188. <https://doi.org/10.22034/rllfut.2019.9293>.

Rabatel, Alain (2021). *La confrontation des points de vue dans la dynamique figurale des discours. Énonciation et interprétation*. Limoges: Lambert-Lucas.

Sá Carneiro, Francisco (1980). *Textos - Sétimo Volume*. Lisboa: Instituto Francisco Sá Carneiro.

Stott, Harry (2020). John Cleese Interview: "Funniness Is about People Not Being Perfect", *Metropolitan*, 28/01/2020. Disponível em <https://www.barcelona-metropolitan.com/features/john-cleese-interview/> (Consultado em 18.12.2020).

Vivero Garcia, Maria Dolores (ed.) (2011). *Humour et crises sociales. Regards croisés France-Espagne*. Paris: L'Harmattan.

Vivero García, Maria Dolores (2013). "La contestation par l'humour. Étude contrastive de l'humour dans la littérature espagnole et française contemporaine", *Cahiers de Narratologie*, 25. DOI: <https://doi.org/10.4000/narratologie.6788>.

Young, Dannagal (2017). "Theories and Effects of Political Humor: Discounting Cues, Gateways, and the Impact of Incongruities". Em Kenski, Kate, & Jamieson, Kathleen (dirs.), *The Oxford Handbook of Political Communication*, 871-884. Oxford: Oxford University press. DOI: https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199793471.013.29_update_001.

Referências web

Diário da Assembleia da República Portuguesa. Disponível em <https://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/DAR-2Serie.aspx> (Consultado em 5.12.2020).

O Gato Fedorento esmiúça os sufrágios. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kmL2OzJSxuQ> (Consultado em 5.12.2020).

Gente que não sabe estar, Disponível em <https://tviplayer.iol.pt/programa/gente-que-nao-sabe-estar/5c3f-58680cf2adafd00310e0/video/5d9fa23a0cf2b8c7db57bd68> (Consultado em 5.12.2020).



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade da Coruña (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Mária Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda